

Viver mais tempo é bom!...Porém...

“Em ritmo muito mais acelerado do que os países europeus viveram décadas atrás, o Brasil deixará de ser um país jovem para se equiparar às nações ‘supervelhas’ como o Japão ou a maioria dos Estados europeus.

Os planos de saúde não cobrem os custos, ao contrário do que ocorre nos países ricos.

O Brasil está muito mal preparado para o desafio que se coloca, e essa é uma discussão urgentíssima, caso contrário iremos ao caos”

Os trechos citados foram extraídos de recente matéria de capa da revista CartaCapital, sob o título “Velhos e pobres?” (Ed. n. 590, de 07 de abril de 2010, assinada por Luiz Antonio Cintra).

Riquíssima em dados, análises e opiniões de especialistas, o material é um convite à reflexão para o enfrentamento dos desafios.

Para dar ideia de como o tema da demografia preocupa, o economista Márcio Pochmann, do IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) leva em conta a hipótese de discutir estímulos financeiros para os casais terem mais filhos, como praticado em alguns países ricos que já enfrentam o fenômeno do envelhecimento populacional.

Saúde mais cara no envelhecimento – Bernard Couttolenc, Ph.D. pela Universidade Johns Hopkins e ex-professor da Faculdade de Medicina da USP, faz uma afirmação que não é novidade para a direção da Afaccesp, porém, de extrema pertinência e atualidade em face das indefinições que envolvem os vários planos de saúde do extinto Banco Nossa Caixa: “*À medida que a população brasileira envelhece, a prevalência de doenças crônico-degenerativas aumenta.*

São doenças mais graves, que exigem tratamentos mais caros, e essa pressão aumentará muito nas próximas décadas. Alguns estudos mostram que em países como Itália, França ou Japão a metade dos gastos em saúde de um indivíduo ocorre nos últimos seis meses de vida.” Nesses países ricos, os gastos com saúde somam mais de 15% do PIB, enquanto que no Brasil esse percentual é de 8%, informa estudo encomendado pelo Banco Mundial. Significa que no Brasil ainda teremos que dobrar os gastos com a saúde para atingir os padrões europeus. Quem pagará essa conta? O economista Delfim Netto é citado na matéria ao analisar que os problemas oriundos da nova “cara” do brasileiro

são muitos: “*O Brasil ainda é um país relativamente pobre, que enfrentará cada vez mais problemas dos países ricos.*”

Na mesma linha, estudo divulgado em 14 de abril de 2010 pela Fundação Seade (ligada ao governo do Estado de São Paulo), destaca que o processo de envelhecimento em curso da população paulista é ainda mais acelerado, com grande impacto em todos os setores da sociedade como educação, saúde e previdência social, entre outros.

Importância da parceria do patrocinador contribuinte – a direção da Afaccesp reivindica que o Banco do Brasil, sucessor da extinta Nossa Caixa, figure como parceiro contribuinte no custeio da assistência médica dos aposentados e pensionistas, notadamente nos casos em que o benefício foi prometido pelo Economus (instituído, mantido e controlado pelo extinto Banco Nossa Caixa, frise-se).

Os argumentos de origem legal e regulamentar apresentados são suficientes.

Mais abundantes ainda se apresentam os argumentos demográficos contidos na presente matéria.

Vale, por isso, informar o que consta ao final da correspondência enviada pela Afaccesp à direção do Banco do Brasil no início de janeiro de 2010, (antes, portanto, da divulgação dos estudos citados):

“Pessoas não devem ficar enclausuradas num plano de saúde hermeticamente fechado, e em extinção, dependendo unicamente da capacidade financeira de cada uma delas, sem o essencial patrocínio do empregador-parceiro. Agravante o fato de situarem-se em fase da vida cujos custos de assistência médico-hospitalar, lamentavelmente, tornar-se-ão cada vez mais altos.”

À reflexão geral.

Pedro Paulo Galdino,
diretor presidente da Afaccesp

..estudos mostram que na Itália, França ou Japão a metade dos gastos em saúde de um indivíduo ocorre nos seis últimos meses de vida.

BRASIL DINÂMICO A revolução do microcrédito abre a série

O ADVOGADO DO DIABO Os dias de Podval, defensor dos Nardoni

CartaCapital

POLÍTICA, ECONOMIA E CULTURA

www.cartacapital.com.br

100 ANOS DE 1900

00000 0 100 00000

Velhos e pobres?

Segundo vários estudos, esta é a perspectiva do Brasil a partir de 2030. Mas há chances únicas de revertê-la

The Economist

Seu País

Encruzilhada demográfica

SOCIEDADE | Nas próximas duas décadas, os fatores populacionais favorecem o Brasil. Depois...

POR LUIZ ANTONIO CINTRA

Em 2030, estima-se que a população chegará ao pico de 207 milhões. Então passará a encolher

A a próxima década não será uma mudança radical no perfil da sociedade brasileira. Em ritmo muito mais lento do que as últimas décadas, o Brasil deixará de ser um país jovem para se equiparar aos países "superenvelhidos", como o Japão ou a maioria dos Estados europeus. A queda acelerada do número médio de filhos por mulher e o aumento igualmente rápido da expectativa de vida dos brasileiros levarão a uma alta em escala geométrica de brasileiros acima de 60 anos. De 14 milhões, o número registrado em 2000, o total de idosos chegou a 40 milhões em duas décadas, ou 19% do total. Em 2030, serão 64 milhões - 30% da população, segundo projeções da seção brasileira da Organização Internacional do Trabalho (OIT). Na avaliação de demografia, uma conquista e, ao mesmo tempo, uma das maiores condições de vida da população e das técnicas de contracepção. Vitória que exigirá, contudo, uma estratégia para enfrentar os desafios futuros.

Tardaram 2000 anos para desenvolver a agricultura, os povos do Brasil terão que enfrentar a realidade. O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) estima que a população atingirá o pico de 207 milhões de cidadãos, apenas 17 milhões além do contingente atual. E, em seguida, a partir daí, em desacordo com o processo de envelhecimento. Como nos países ricos, entrará em pauta a necessidade de otimizar a imigração

Virada. O total de cidadãos com 60 anos em maio será de 40 milhões em 2000

População de 60 anos ou mais (milhões)

Ano	População (milhões)
2000	14
2005	18
2010	24
2015	30
2020	38
2025	46
2030	64

Fonte: IBGE - Projeção da população do Brasil por sexo e idade: 1980-2050 - Revisão 2008. Elaboração: OIT Brasil

de jovens estrangeiros, diante da esperada redução da oferta de mão de obra. Os reflexos dessa mudança demográfica serão percebidos, de modo cada vez mais intenso, a partir das próximas décadas, nos mais variados frentes. A começar pela necessidade de o País reestruturar seus sistemas de Previdência Social e saúde pública e privada, que serão pressionados pela ampliação do número de cidadãos com mais idade. A parcela com 60 anos ou mais passará de atuais 3 milhões para 6 milhões em 20 anos. A escassez de mão de obra mais jovem, a necessidade de criar mais postos de trabalho para quem tem mais de 45 anos, no

em um aumento dos dependentes. Arnaldo Lúiz dos Santos, professor do Instituto de Economia da Unicamp, considera que será preciso avançar na formalização dos trabalhadores, que ainda convivem com o registro dos direitos potencializada ao longo dos anos 90. E, mais uma vez, a janela de oportunidade das próximas duas décadas será decisiva. "Nesse período, poderemos aproveitar o impacto positivo da maior necessidade de gerar empregos, já que cairá o número de jovens procura do primeiro posto. Se antes precisávamos criar 7% ou mais, a partir de agora um crescimento de 5% do PIB talvez seja suficiente. Além do mais, o desemprego menor representará mais recursos para a Previdência." Suetos faz uma ressalva: "Em matéria de empregos, será preciso pensar na qualidade dos postos que queremos criar. Temos a chance de usar o pré-sal e os investimentos em infraestrutura para gerar mais postos de trabalho indus-

triais e para garantir a sustentabilidade por mais dos fundos públicos de pensão e planos de previdência privada.

Na caso das aposentadorias públicas, trata-se de um vespeiro com distorções históricas, como sugere uma mudança de regime recente aprovada em votação pelo Ministério da Previdência Social, válida para as 13 mil prefeituras do País - de um total de 5,5 mil - que possuem regimes próprios de aposentadoria. Até setembro do ano passado, elas seguiram uma tabela de expectativa de vida de 1949 para calcular o percentual de contribuição dos funcionários da ativa. Como as pessoas vivem mais tempo à época, em tese receberiam suas pensões por muito mais tempo do que de fato estão recebendo. Na prática, a tabela antiga servia para substituir as contribuições. De universo de 13 mil prefeituras, apenas mil acertaram até aqui as novas regras.

O andamento da economia será determinante para a capacidade de o País acuar

A Previdência poderia se financiar também com a taxa de juros e do petróleo, sugerem especialistas

Realidade. Acima, Anal Maria Nogueira, em um texto. À direita, Anal Nogueira, da OIT Brasil, que sugere aproveitar a "bênção demográfica"



das três ou a Marcelo e a Vivien os vivem em semana. cuidar da os, esta é o comen-

Nos países ricos, metade dos gastos com saúde ocorre nos últimos seis meses de vida dos mais velhos

Transição. O transporte público terá de se adaptar ao maior contingente de idosos. Ao lado, Ninomiya e os pais: "Eu e minhas irmãs cuidamos deles. Mas quem vai cuidar da nossa geração?"

políticas públicas eficientes, avalia Bernard Couttolenc, Ph.D. em economia da saúde pela Universidade Johns Hopkins e professor da Faculdade de Medicina da USP. "À medida que a população brasileira

